

A “INSCRIÇÃO DOS *DAIVĀ*” DE XERXES (XPH/OP): INTRODUÇÃO CRÍTICA, TRADUÇÃO DO PERSA ANTIGO PARA O PORTUGUÊS E COMENTÁRIOS

Matheus Treuk Medeiros de Araujo¹

Resumo

O presente artigo propõe uma tradução da chamada “Inscrição dos *Daivā*” de Xerxes (486-465 a.C.), em sua versão em persa antigo (XPh/OP), diretamente para o português. XPh se destaca dentre as inscrições régias do Período Persa Aquemênida (c. 559-330 a.C.) por mencionar a suposta supressão de um culto religioso num dos países do império, tendo sido interpretada, no passado, como referência a um acontecimento histórico concreto, e tendo sido usada, de diferentes maneiras, como atestação da “tolerância” ou “intolerância” religiosa dos reis Aquemênidas. Assim, a presente tradução almeja disponibilizar a um público mais amplo (lusófono), tanto leigo como especializado, o conteúdo dessa importante inscrição, trazendo, ademais, uma introdução crítica e referências à literatura científica que analisou este documento.

Palavras-Chave

Persa Antigo; Xerxes; Aquemênidas.

¹ Pós-doutorando – Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil. Bolsista FAPESP – Processo 2022/07801-8. E-mail: matheus.araujo@usp.br.
Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.7, n.1 - 2022.1. p. 91-117.
DOI: 10.34024/herodoto.2022.v7.14817

Abstract

The present article aims at providing a translation of the so-called Xerxes' (486-465 BCE) "*Daivā* Inscription", in its Old Persian version (XPh/OP), directly to the Portuguese language. XPh stands out among the royal inscriptions of the Achaemenid Persian Period (c. 559-330 BCE) for mentioning an alleged suppression of a religious cult in one of the empire's lands, a fact that has been interpreted before as a reference to a concrete historical event, and which was used, in different ways, to attest to the religious "tolerance" or "intolerance" of the Achaemenid kings. Thus, the present translation aims at turning available the content of this important inscription to a larger audience (a Portuguese speaking one), specialized as well as non-specialized, and it is accompanied by a critical introduction with references to the scholarly literature that has analyzed this document so far.

Keywords

Old Persian; Xerxes; Achaemenids.

Introdução

A chamada “Inscrição dos Daivā” de Xerxes (486-465 a.C.),² indicada pela sigla XPh/OP,³ é uma das mais intrigantes e debatidas inscrições reais Aquemênidas (Schmitt, 2000: 88; Rossi, 2021b: 79). Esculpida em várias placas de pedra encontradas em Persépolis, na área das guarnições, com dimensão aproximada de 50 cm x 50 cm x 10 cm, ela foi preservada em dois exemplares persas, um exemplar elamita e, finalmente, outro exemplar em acádio babilônico, que eram as línguas usualmente utilizadas para as proclamações oficiais (Schmidt, 1953: pl. 21, A e B; Kuhrt, 2007: 204; Schmitt, 2009: 20; 164; Huayna Ávila, 2020: 121).⁴ Uma terceira cópia da inscrição, em persa antigo, foi encontrada em Pasárgada (“XMa”), em escavações conduzidas por David Stronach, entre 1961-63, o que atestaria a importância daquele sítio durante o reinado de Xerxes (Stronach, 1978: 152 e pl. 122b; 123; 161b; Huayna Ávila, 2020: 122).⁵

Curiosamente, as placas em questão, provavelmente destinadas a um papel fundacional, foram encontradas fora do seu contexto original de uso, ou seja, devem ter perdido seu valor simbólico e teriam sido reutilizadas, ainda durante o Período Aquemênida, para propósitos distintos de sua função inicial (Schmidt, 1939: 11-15; Abdi, 2006/07: 51-52; Kuhrt, 2007: 305; Huayna Ávila, 2020: 122). Não há uma explicação definitiva para tal fato e, como afirma Mousavi, “a razão para o seu tratamento [i.e., das inscrições]

² Prefiro evitar a designação de Xerxes como “Xerxes I”, uma vez que a existência de um Xerxes II, por vezes aceita pelos historiadores, provém de uma leitura das fontes gregas que não encontra corroboração em fontes externas (Binder, 2021: 457-459; Brosius, 2021: 158-159). Para as diversas imagens de Xerxes na tradição clássica, sugiro a leitura de Bridges (2015).

³ Na designação das inscrições persas, costuma-se empregar, primeiramente, a inicial do nome do rei evocado (e.g., X, de Xerxes) e, a seguir, a inicial do sítio onde foi encontrado (e.g., P, de Persépolis), grafadas maiúsculas. As letras minúsculas subsequentes indicam a ordem em uma mesma série, ou seja, ajudam a identificar inscrições individuais quando há mais de uma inscrição de um rei em um mesmo sítio, em sequência alfabética (cf. Kent, 1950: 4-5; Schmitt, 2009: 8-32). Por fim, essa convenção foi adequada pelo Projeto DARIOSH para considerar os diferentes idiomas e unidades epigráficas, e.g. XPh/OP = Xerxes, Persépolis, “h”, *Old Persian* (cf. Basello *et al.*, 2012: vii-ix).

⁴ As inscrições foram descobertas por Schmidt, em 1935, na expedição que liderou em nome do *Oriental Institute of Chicago* (Schmidt, 1939: 11-15). Um fragmento da versão elamita foi descoberto mais tarde, em 1957, por Ali Sami (Cameron, 1959: 471; Abdi, 2006/07: 46), e considerado na tradução de Cameron (1959). As primeiras descobertas incluíam três inscrições conhecidas vulgarmente como “Inscrições do Harém” de Xerxes (XPf), que narram a sucessão real (Mousavi, 2020: 73).

⁵ Schmitt nomeia cada exemplar do texto persa por uma letra sobrescrita: XPh^a, XPh^b, XPh^c. Esta última cópia seria a de Pasárgada (2000: 88).

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.7, n.1 - 2022.1. p. 91-117.

DOI: 10.34024/herodoto.2022.v7.14817

dessa maneira permanece um tema intrigante para estudo futuro” (2020, 78).⁶

Os artefatos permitem uma visualização bastante clara do texto persa, com poucos trechos ilegíveis (Schmitt, 2009: 164). Nesse sentido, as principais dificuldades de leitura são de natureza filológica, e envolvem o significado de termos veteropersas que aparecem poucas vezes ou exclusivamente nesta inscrição, como aquele que lhe dá o apelido: *daivā*, termo geralmente entendido como denotando deidades iranianas antigas que, nesse período, já assumiriam conotações negativas (“demônios”) (Herrenschmidt; Kellens, 2011 [1993]).

A inscrição, normalmente atribuída pelos especialistas aos primeiros anos do reinado de Xerxes,⁷ trata de uma turbulência ocorrida num dos países do império, no qual tais deidades, os *daivā*, seriam cultuadas. Podemos subdividir o conteúdo da inscrição da seguinte maneira: (§1º) prólogo cosmogônico; (§2º) introdução de Xerxes e sua titulação real; (§3º) lista de países de Xerxes; (§4º) referência a um país turbulento; (§5º) menção ao culto dos *daivā* e à reação de Xerxes; (§6º) endereçamento a um leitor futuro, com instruções religiosas; (§7º) petição a Ahura Mazda, com fórmulas apotropaicas (Lévy, 1939: 105-106; Briant, 1996: 567).⁸

Desde a sua descoberta, XPh inspirou diversas teorias e interpretações, conforme levantamento detalhado de Claudio S. Huayna Ávila (2020), que podem ser sumarizadas da seguinte forma:

⁶ A não ser que especificado de outra forma, as traduções dos autores modernos também são nossas.

⁷ A datação do texto não é certa. Ernst Herzfeld propôs, inicialmente, que ele teria sido composto nos primeiros anos do reinado de Xerxes a partir dos seguintes argumentos: (i) o prólogo se parece muito com a inscrição da tumba de Dario (DNa); (ii) o título usado para Xerxes é meramente “rei”, enquanto outras inscrições empregam a expressão “grande rei”; e (iii) a evolução das referências aos jônios indicaria um período anterior à Batalha de Salamina (1937: 64-65: “entre 486 e 480 a.C.”; 1938: 35), ou, segundo sua interpretação ulterior, pouco após Salamina (1947: 395-397: “muito perto de 479 a.C.”; de maneira similar, cf. Lévy, 1939: 121). Kent concordou, em linhas gerais, com esses argumentos (1937: 305). Apesar da tendência a aceitar tal atribuição de data (Lévy, 1939: 107; 121; Ghirshman, 1976: 3-6; Abdi, 2006/07: 48), argumentou-se que a titulação real seria intercambiável, sem implicar um desenvolvimento particular que possibilitasse uma datação exata; e, ademais, que os esforços de datação dependeriam demasiadamente da apresentação dos jônios em XPh, o que pressupõe uma improvável relevância das Guerras Médicas para a corte persa (Huayna Ávila, 2020: 122-129; Ahn, 1992: 260).

⁸ A numeração dos parágrafos desta inscrição pelos editores já foi diferente. Cf. Schmitt (2000: 88-95).

(a) **Hipótese de uma Revolta no Irã / “Reforma” Zoroastrista** (Huayna Ávila, 2020: 150-166): autores renomados, como Herzfeld, propuseram desde cedo que o embate de Xerxes com os veneradores dos *daivā* constituiria um episódio da história do zoroastrismo, em que o culto a esses antigos deuses do panteão pan-iraniano teria sido proscrito, em favor dos ensinamentos de Zoroastro (1937: 73-77). XPh, portanto, possivelmente trataria de uma rebelião dos *magi* da Média contra o zoroastrismo – hipótese, que, entretanto, foi criticada pela ausência de corroboração externa e pela vagueza do próprio texto da inscrição (Kent, 1937: 205; Lévy, 1939: 108-109). Mary Boyce também entendeu o contexto da inscrição como precipuamente relacionado à vedação ao culto dos *daeua* avésticos entre os iranianos (1982: 173-177). Por fim, a hipótese aventada recentemente por Kamyar Abdi, postulando uma “reforma” zoroastrista empreendida por Xerxes contra a oblação de matéria morta no fogo, se insere numa linha de raciocínio, a meu ver, similar (2006/07: 69-73).⁹ Teorias parecidas, relacionando essa inscrição a reformas religiosas no centro do império, podem ser encontradas em Struve (1948),¹⁰ Ghirshman (1976)¹¹ e Bianchi (1977).¹²

(b) **Hipótese da Destruição dos Templos Babilônicos** (Huayna Ávila, 2020: 138-145): uma hipótese antiga propunha que os templos destruídos por Xerxes e os “demônios” que ele proibira de cultuar corresponderiam aos templos e deuses da Babilônia, em particular devido à suposta menção de Heródoto à abdução da estátua de Marduk, de Esagila, por Xerxes (Hdt.

⁹ Ver, contudo, a crítica de Mousavi (2020: 76).

¹⁰ Esse historiador soviético pensava que Xerxes buscara centralizar o poder por meio do culto de Ahura Mazda, contra o culto de deuses tribais (1948: 12), uma reforma importantíssima e relacionada à contenção de tendências democráticas, em favor de seu regime aristocrático e escravista. Por outro lado, Struve recusava que Xerxes e Dario fossem zoroastristas, enfatizando sua recusa do profeta Zoroastro, e a ausência dos nomes dos reis no Avesta (p. 19-26).

¹¹ Esse especialista vê uma reforma religiosa na Média (Ghirshman, 1976: 11-12).

¹² Bianchi vê uma revolução religiosa em curso, de natureza zoroastrista (1977: 5; cf. também Ahn, 1992: 111-122). De todas as hipóteses interpretativas quanto a XPh, as correntes acima me parecem em parte acertadas, na medida em que temos corroboração do Avesta para mudanças na postura dos iranianos em relação a essas antigas deidades, os *daivā*. Sendo certo que uma mudança sistemática no culto dos demais países do império não é demonstrável, parece mais provável que Xerxes estivesse preocupado com particularidades litúrgicas do culto “zoroastrista” ou “masdaísta” entre países iranianos – daí talvez enfatizar sua origem “ariana” nesta inscrição. Mas a identificação direta dos Aquemênidas a uma vertente normativa de zoroastrismo, conhecida por textos posteriores, deve ser encarada com muita cautela (cf. Kellens, 2021; Jong, 2021).

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.7, n.1 - 2022.1. p. 91-117.

DOI: 10.34024/herodoto.2022.v7.14817

1.183) (Hartmann, 1937: 159-160).¹³ A tradição clássica, ademais, continha outras referências à destruição de templos por Xerxes, particularmente em Arriano (Arr. 3.16.4; 7.17.2-3) e Estrabão (Str. 16.1.5) (Lévy, 1939: 114).¹⁴ De fato, sabe-se que duas revoltas eclodiram na Babilônia durante o reinado de Xerxes, em 484 a.C., e a forte repressão a essas revoltas é aferível pela descontinuidade de muitos arquivos familiares babilônicos (Jursa, 2010: 4-5; Hackl; Pirngruber, 2015: 108; Pirngruber, 2017: 20). No entanto, a tradição clássica sobre a destruição dos templos babilônicos é hoje vista com reservas, e a versão de Heródoto sobre a abdução de uma estátua foi reinterpretada criticamente por Kuhrt e Sherwin-White, que demonstraram que o historiógrafo se referia a outra estátua cultual de menor importância, e não a Marduk (1987: 71-72). Além disso, não temos evidência da substituição dos cultos locais pelo de Ahura Mazda (Bianchi, 1977: 12; Ahn, 1992: 115; Hutter, 2021: 1295), e seria de se esperar que a versão babilônica especificasse algo a esse respeito se a revolta em discussão tivesse ocorrido naquele país (Lévy, 1939: 111; 117).

(c) **Hipótese da Destruição da Acrópole de Atenas** (Huayna Ávila, 2020: 145-150): Lévy sugeriu, em 1939, que a inscrição faria menção à destruição dos templos da Acrópole, durante as Guerras Médicas, em 480 a.C. Usando, principalmente, o relato de Heródoto (Hdt. 8.54-55), que descreve a destruição dos templos e a ordem dada por Xerxes para que os exilados gregos performassem sacrifícios “conforme seus ritos”, Lévy faz uma comparação com a expressão *rtācā brazmaniya* (120-122). Mas essa teoria – que, se aceita, representaria uma excepcional versão oficial persa das Guerras Médicas –, é a menos convincente de todas, e pressuporia uma reivindicação do domínio persa sobre a Grécia Continental (afinal, Xerxes diz que o país rebelde figura em sua lista de países). Além disso, a menção aos sacrifícios em Hdt. provavelmente deve ser lida como correspondendo aos ritos locais atenienses, e não à liturgia zoroastriana (Huayna Ávila, 2020: 147-150).

(d) **Hipótese da Atemporalidade** (Huayna Ávila, 2020: 166-169): no final do século passado, Sancisi-Weerdenburg desenvolveu uma hipótese – que, aliás, se tornou o *mainstream* acadêmico atual (Kuhrt; Sherwin-White, 1987: 69; Waters, 2014: 118-119; Bridges, 2015: 94-95; Henkelman, 2008: 9-10; 2021a: 1225) – de que XPh não trataria de um acontecimento histórico específico, mas, sim, de uma repressão “exemplar” e a-histórica,

¹³ Sugeriu-se, similarmente, que tal destruição poderia ter se dado no contexto de repressão a uma revolta egípcia, conhecida pelas fontes clássicas, mas essa hipótese pode ser seguramente descartada (Ahn, 1992: 113).

¹⁴ Ctésias de Cnido menciona a abdução de estátuas pelos persas (F1b § 9,4;9; cf. Lenfant, 2004: 37-38).

exibindo a figura estereotipada do rei, de forma análoga à maioria das inscrições Aquemênidas, salvo por Behistun (1980: 29-31). Pierre Briant retomou essa teoria, concluindo que XPh não é um texto narrativo, mas uma representação transcendental e ideológica das virtudes do rei (1996: 570). Além de constituir uma solução talvez muito simples e que careça de maiores qualificações (Huayna Ávila, 2020: 168-169), entendo que a referência específica a um país dentre uma lista extensa de nomes particulares (a única do reinado de Xerxes) torna em parte questionável o argumento da a-historicidade.

Além dessas correntes específicas de interpretação, sem solução duradoura, é comum encontrar menções a XPh em discussões mais amplas sobre a “política religiosa” Aquemênida. No geral, e especialmente em razão da política de repatriação da *golah*, reportada pela Bíblia Hebraica (cf. Esd. e Ne.), a hegemonia persa tem sido vista como uma era de “tolerância” religiosa, mesmo que de orientação precipuamente pragmática (Brosius, 2021: 1). Por outro lado, alguns autores enfatizam episódios particulares, como a admoestação de Dario contra os citas e elamitas “infiéis” (DB §72; 75) ou de Xerxes contra os “demônios” (XPh §5°), como supostas demonstrações da intolerância religiosa dos reis, ainda que casuísticas (Ghirshman, 1976: 9; Asheri, 2006: 50-73). Conforme bem explicado por Hutter, contudo, o emprego do binômio “tolerância/intolerância” não faz sentido no caso Aquemênida, já que não temos aqui qualquer evidência de um ímpeto proselitista, e, ademais, dado que os casos atestados de agressão contra cultos e templos nunca derivam da recusa de uma crença *per se* (2021: 1286). São numerosas as provas de que os reis não tinham problemas com os cultos locais, indo desde o Cilindro de Ciro (Curtis; Razmjou, 2005: 59) até a estela babilônica que, ao recontar Behistun, substitui Ahura Mazda por Bêl/Marduk (Seidl, 1999: 109-110).

Quanto à natureza do documento, seu gênero textual é incerto, e depende sobremaneira do resultado de um debate que, como vimos, ainda não encontrou termo satisfatório (Silverman, 2018: 264-265). De toda maneira, sabemos que, à exceção de DB, a audiência das inscrições Aquemênidas era reduzida, não configurando estas, portanto, uma vertente de “propaganda”. Na maior parte dos casos, imagina-se que elas tenham se destinado aos sucessores dos reis (Jacobs, 2021a: 756-758; ver, contudo, Rollinger, 2015).

Quanto ao texto em si, a edição e tradução do acadiano por Herzfeld continua a ser referência para essa versão de XPh (Herzfeld, 1938: 27-35;

Abdi, 2006/07: 52).¹⁵ O texto elamita foi traduzido para o inglês por Cameron (1959), e para o francês, por Vallat (1977: 207-214). O texto persa foi vertido ao inglês por Kent (1937: 294-297; 1950: 150-152), ao inglês (2000: 88-95) e ao alemão por Schmitt (2009: 164-169) e ao francês por Lecoq (1997: 256-258), que, aliás, o compara com o elamita e o acadiano.¹⁶ Versões em inglês podem ser encontradas também em Kuhrt (2007: 304-305) e Brosius (2021: 151-152). Na tradução abaixo, seguimos a edição crítica de Schmitt (2009), bem como (no geral) suas convenções de normalização, dando preferência, sempre que for o caso, a convenções de transcrição de nomes próprios bem sedimentadas em português. Trechos ilegíveis ou corrigidos são destacados entre colchetes (“[...]”), palavras omitidas no original são grafadas entre parênteses (“(...)”) e empregamos o sinal *r* para representar o “r silábico” (alguns autores grafam “ar”).¹⁷ Os comentários não pretendem realizar uma análise semântica ou morfossintática exaustiva do texto, mas trazer ao leitor as principais discussões envolvendo XPh.

XPh – Tradução da Versão do Persa Antigo

§1°. *baga vazrka A.uramazdā, haya imām būmīm adā, haya avam asmānam adā, haya martiyam adā, haya šiyātīm adā martiyahyā, haya Xšayaršām xšāyaθiyam akunauš, aivam parūnām xšāyaθiyam, aivam parūnām framātāram.*

§1°. Um grande deus (é) Ahura Mazda, que criou esta terra, que criou aquele céu, que criou o homem, que criou a felicidade para o homem, que fez Xerxes rei, um rei entre muitos, um comandante entre muitos.

§2°. *adam Xšayaršā, xšāyaθiya vazrka, xšāyaθiya xšāyaθiyānām, xšāyaθiya dahyūnām paruzanānām, xšāyaθiya ahyāyā būmiyā vazrkāyā dūrai api, Dārayavahauš xšāyaθiyahyā puça, Haxāmanišiya, Pārsa, Pārsahyā puça, Ariya, Ariyaciça.*

¹⁵ O interessado pode também consultar o *Open Richly Annotated Cuneiform Corpus Project*, ARIO: Achaemenid Royal Inscriptions online especialmente dedicado às inscrições Aquemênidas, com as versões acadiana, persa e elamita. Disponível em: <<http://oracc.museum.upenn.edu/ario/corpus/>>. Acesso em: 04 jul. 2022.

¹⁶ Herzfeld trabalhou com todas as versões (1937: 57-77).

¹⁷ Para uma visão do cuneiforme persa, sua fonologia e as convenções de transcrição e transliteração, sugiro que o leitor se reporte a Skjærvø (2009, 52-59). O presente autor preparou diversas traduções das demais inscrições, cujas introduções críticas discutirão detalhadamente tais aspectos.

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.7, n.1 - 2022.1. p. 91-117.

DOI: 10.34024/herodoto.2022.v7.14817

§2°. Eu (sou) Xerxes, o grande rei, rei dos reis, rei dos países de muitos tipos de homens, rei nesta terra grande (e) também ampla, filho do rei Dario, um Aquemênida, um persa, filho de um persa, ariano, de estirpe ariana.

§3°. *θāti Xšayaršā xšāyaθiya: vašnā A.uramazdahā, imā dahyāva, tayaišām adam xšāyaθiya āham apataram hacā Pārsā; adamšām patiyaxšayai; manā bājim abara[ha]; tayašām hacāma aθanhya, ava akunava; dātām, taya manā, avadiš adāraya: Māda, Ūja, Hara.uvatiš, Armina, Zranka, Parθava, Haraiva, Bāxtriš, Sugda, Uvārazmiš, Bābiruš, Aθurā, Θataguš, Sparda, Mudrāya, Yaunā taya[i] drayahyā dārayanti utā tayai paradraya dārayanti, Maciyā, Arbāya, Gandāra, Hinduš, Katpatuka, Dahā, Sakā haumavargā, Sakā tigraxaudā, Skudra, Ākaufaciya, Putāyā, Krkā, Kūšiyā.*

§3°. Diz Xerxes, o rei: pela vontade de Ahura Mazda, estes (são) os países dos quais eu fui rei, para além da Pérsia; eu os governei; eles me trouxeram tributo; o que lhes foi dito por mim, aquilo fizeram; a lei que (era) minha, ela os manteve (unidos): Média, Elam, Aracósia, Armênia, Drangiana, Pártia, Ária, Bactria, Sogdiana, Corásmia, Babilônia, Assíria, Satagídia, Lídia, Egito, os jônios que ficam no mar e os que ficam no ultramar, os Mácrios, Arábia, Gandara, Índia, Capadócia, os daas, os citas que bebem *haoma*, os citas de chapéu pontudo, a Trácia, os akaufacianos, os líbios, os cários, os etíopes.

§4°. *θāti Xšayaršā xšāyaθiya: yaθā taya adam xšāyaθiya abavam, asti antar aitā dahyāva, tayai upari nipištā, ayauda; pasāvamai A.uramazdā upastām abara, vašnā A.uramazdahā av[ām] dahyāvam adam ajanam utašim gāθavā nišādayam.*

§4°. Diz Xerxes, o rei: quando eu me tornei rei, há entre esses países, os que (estão) inscritos acima, (um que) estava em turbulência; depois, Ahura Mazda me trouxe ajuda; pela vontade de Ahura Mazda, eu derrotei aquele país e eu o coloquei no lugar.

§5°. *utā antar aitā dahyāva āha, yadātaya paruvam daivā ayadiya; pasāva vašnā A.uramazdahā adam avam daivadānam viyakanam utā patiyazbayam: “daivā mā ya[di]yaiša”; yadāya[d]ā paruvam daivā ayadiya, avadā adam A.uramazdām ayadai rtācā brazmaniya; utā aniyašč[i] āha, taya duškr̥tam akariya, ava adam naibam akunavam; aita taya adam akunavam visam vašnā A.uramazdahā akunavam; A.uramazdāmai upastām abara, yātā kr̥tam akunavam.*

§5°. E entre esses países havia (um), onde antes os demônios eram venerados; depois, pela vontade de Ahura Mazda, eu destruí aquele reduto de demônios e ordenei: “Que os demônios não sejam venerados!”. Onde quer que antes os demônios tivessem sido venerados, lá eu venerarei Ahura Mazda, na hora certa, com o cerimonial correto; e outra coisa houve

também, que havia sido mal feita, aquilo eu tornei bom; isso é o que eu fiz; tudo pela vontade de Ahura Mazda eu fiz; Ahura Mazda me trouxe ajuda até que eu concluísse o feito.

§6°. *tuvaṃ kā, haya aparam, yadi maniyāhai: “šiyāta ahani jīva utā mr̥ta r̥tāvā ahani”, avanā dātā parīdi, taya A.uramazdā niyaštāya; A.uramazdām yadaiša r̥tācā brazmaniya; martiya, haya avanā dātā pariyaiti, taya A.uramazdā nīštāya, utā A.uramazdām yadatai, r̥tācā brazmaniya, hau utā jīva šiyāta bavati, utā mr̥ta r̥tāvā bavati.*

§6°. Tu, quem quer que (fores) no futuro, se assim pensares: “que eu seja feliz em vida e que eu seja bem-aventurado na morte”, observa aquela lei, a que foi estabelecida por Ahura Mazda, (e) venera Ahura Mazda, na hora certa, com o cerimonial correto; o homem que observa aquela lei, a que foi estabelecida por Ahura Mazda, e venera Ahura Mazda, na hora certa, com o cerimonial correto, ele se torna feliz em vida e bem-aventurado na morte.

§7°. *θāti Xšayaršā xšāyaθiya: mām A.uramazdā pātu hacā gastā, [u]tamai viθam utā imām dahyāvam; aita adam A.uramazdām jadyāmi; aitamai A.uramazdām dadātu.*

§7°. Diz Xerxes, o rei: Ahura Mazda me proteja do mal, bem como a minha casa e esse país; isso eu peço a Ahura Mazda; Ahura Mazda me conceda isso.

Comentários

§1°. *baga vazr̥ka*: “grande deus” é o epíteto mais comum de Ahura Mazda nas inscrições régias (e.g., DNa, XPa etc.), e figura no início deste prólogo cosmogônico recorrente, que elenca a criação (i) da terra, (ii) do céu, (iii) do homem (essa tríade às vezes é resumida pela expressão *fraša-*, “maravilha”, cf. Schmitt, 2014: 177; Macedo, 2020: 43); e (iv) da felicidade para o homem (Henkelman, 2021a: 1224; na versão acadiana: “que deu prosperidade aos homens”, cf. Lecoq, 1997: 256). Para a etimologia, conferir Schmitt (2014: 149; 278); Macedo (2020: 42). *A.uramazdā*: uma deidade pan-iraniana e o deus central do zoroastrismo avéstico. O “Senhor Sábio” / “Senhor (da) Sabedoria” (Ahura Mazda), como costuma ser traduzido seu nome (Lincoln, 2007: xiii; Fernandes, 2015: 105; Macedo, 2020: 42-43), não é o único deus cultuado pelos Aquemênidas. DB §62-63 menciona “os outros deuses que existem” (como Mithra e Anahita, nomeados mais tarde; cf. A²Sa) e Ahura Mazda é também qualificado como “o maior dos deuses” em outras inscrições (cf. DPd; Schmitt, 2014: 149). Embora seja central nas

inscrições reais, a atestação do seu culto nos tablets de Persépolis é módica (Henkelman, 2021a: 1224a). *haya imām būmīm... haya avam asmānam*: *haya* é um pronome relativo (nom., sing., masc.)¹⁸ que retoma Ahura Mazda, o deus criador. Dois pronomes demonstrativos exofóricos (ou “situacionais”, aqui em relação à pessoa diante da inscrição) são empregados: *ima-* é a dêixis próxima (*imām*: sing., ac., fem.), e *ava-*, a dêixis de distância (*avam*: sing., ac., masc.), contrapostas pela relação espacial com o leitor (“esta terra”/“aquele céu”; cf. Filippone, 2005: 391). A palavra *asman-*, “céu” (substantivo masc. de tema “n”; *asmānam*: ac., sing., masc.; Schmitt, 2014: 139) e a palavra *būmī-*, “terra”, aparecem principalmente em contexto cosmogônico, mas *būmī-* (*būmīm*: ac., sing., fem.; Schmitt, 2014: 154-155) também é usada na titulatura real (veremos adiante), em descrições de construções ou até em contextos de instabilidade social. Essa fórmula possui paralelos no Avesta e suas especificidades gramaticais costumam ser invocadas para apontar uma natureza litúrgica primordial (Skjærvø, 1999: 36-38). *adā*: Esse aoristo radical do verbo *dā-*, “criar” (o verbo é apenas vinculado à criação de Ahura Mazda; cf. Schmitt, 2014: 160-161; Skjærvø, 2009: 89), é incomum, uma vez que o persa antigo empregaria, normalmente, o imp. (cf. Macedo, 2020: 43), e pode indicar, como já dito, uma emulação do avéstico nas inscrições reais (Skjærvø, 1999: 38). *šiyātim*: *šiyāti-* é um substantivo (aqui, no ac., sing. fem.) denotando uma situação de paz e suma felicidade (Kuhrt, 2007: 304; Schmitt, 2014: 248). *Xšayaršām*: o nome real (*Thronname*) de Xerxes, aqui no ac., deriva das palavras *xšaya-* e *ršan-*, “aquele que governa sobre heróis” (Schmitt, 2014: 285-286). A oração é construída com um duplo ac., *haya Xšayaršām xšāyaθiyam akunauš*, “o que fez Xerxes (ac.) rei (ac.).” (Benvenuto; Pompeo, 2019: 82). *aivam parunām xšāyaθiyam*, *aivam parunām framātāram*: *paru-*, “muito”, está aqui na forma do gen., pl., masc. (Schmitt, 2014: 228), podendo ser traduzido também, simplesmente, como “de muitos (reis/comandantes)” (Brosius, 2021: 152). Os substantivos *xšāyaθiya-* (rei) e *framātār-* (“comandante militar, chefe”; cf. Schmitt, 2014: 176), qualificados pelo adjetivo *aiva-* (“um” ou “único”, cf. Schmitt, 2014: 128) estão aqui no ac.

§2º. *xšāyaθiya vazrka*: “grande rei” é um título comum na tradição mesopotâmica (acadiano: *šarru rabû*) (Wiesehöfer, 2001 [1996]: 29). *xšāyaθiya xšāyaθiyānām*: “rei dos reis” é um possível empréstimo da titulatura de Urartu (Wiesehöfer, 2001 [1996]: 29; Kuhrt, 2007: 151-152).

¹⁸ Para simplificar, quando fizermos análise morfossintática, empregaremos alguns termos abreviados. E.g., sing. = singular, pl. = plural, du. = dual, ac. = acusativo, nom. = nominativo, loc. = locativo, inst. = instrumental, gen. = genitivo, dat. = dativo, fem. = feminino, masc. = masculino, neutr. = neutro, pes. = pessoa, ind. = indicativo, imp. = imperfeito, inv. = imperativo, opt. = optativo.

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.7, n.1 - 2022.1. p. 91-117.

DOI: 10.34024/herodoto.2022.v7.14817

xšāyaθiya ahyāyā būmiyā vazrkāyā: como notam os autores, o título “rei nessa grande terra” (*xšāyaθiya*: nom., sing., masc.; *būmiyā*: loc., sing., fem.) é uma inovação Aquemênida relativamente à tradição próximo-oriental, e vincula o monarca diretamente à criação de Ahura Mazda (Filippone, 2005: 392-393). *dūrai api*: o adjetivo *dūra-* significa “amplo, distante” (Schmitt, 2014: 172) e o advérbio *api*, significa “também” (Schmitt, 2014: 133). *xšāyaθiya dahyūnām paruzanānām*: esse título, rei “dos países de muitos tipos de homens” (*xšāyaθiya*: nom., sing., masc.; *dahyūnām*: gen., pl., fem.; *paruzanānām*: gen., pl., fem.) faz uso do conceito de *dahyu-*, “país”, que tem sentido territorial (concreto) nas inscrições reais, geralmente fazendo referência às subdivisões do império (Schmitt, 2014: 162), adjetivado por *paruzana-*, “com muitas tribos” (Schmitt, 2014: 229). Brosius: “países contendo muitos homens” (2021: 152); Lecoq: “de povos de numerosas origens” (1997: 257); Schmitt: “de países contendo muitas raças” (2000: 92); Kuhrt: “países contendo muitos povos” (2007: 244). De forma peculiar, diversas noções são mobilizadas a fim de exibir a natureza “imperial” (multiétnica) do domínio Aquemênida, de que os monarcas eram conscientes (Tavernier, 2021: 41; cf. Araujo, 2018). *Haxāmanišiya, Pārsa, Pārsahyā puça, Ariya, Ariyaciça*: essa sequência parece desenvolver-se da espécie ao gênero, partindo da dinastia (“um Aquemênida”) até um grupo mais amplo de falantes de línguas irânicas (“ariano, de estirpe ariana”), mas o significado do termo *ariya* é debatido (Strootman; Verluys, 2017: 24-25).

§3°. *θāti Xšayršā xšāyaθiya*: essa fórmula de ditado régio envolve uma topicalização com o verbo sendo “erguido” ao início da oração – seu lugar esperado seria o final da sentença (Hale, 1988: 28; Skjærvø, 2009: 96-97). *vašnā A.uramazdahā*: aqui se emprega *vašna-* (vontade), no inst., junto do nome de Ahura Mazda, no gen. (Schmitt, 2014: 277; para outra possibilidade de tradução de *vašna-*, cf. Skjærvø, 2009: 78). *imā dahyāva, tayaišām adam xšāyaθiya āham*: Esta é a única lista de países de Xerxes, muito similar à lista de DNa (§3°) (Lecoq, 1997: 105; Jacobs, 2011 [2006]). Desde cedo, os autores repararam na diferença entre as expressões empregadas por Dario (“esses são os países que eu tomei”, indicando tomada do poder, em DNa §3°) e Xerxes (“esses são os países dos quais fui rei”, indicando mera herança) (Herzfeld, 1937: 63; Kuhrt, 2007: 305; Bridges, 2015: 90). O verbo *āham* está grafado incorretamente como *āhām* <a-ha-a-ma> (Schmitt, 2009: 165). *manā bājim abara[ha]*: essa forma do verbo *bar-*, “trazer”, é uma correção da grafia <a-ba-ra-na>, e seria uma forma da 3ª pes., pl., imp. (Schmitt, 2009: 165). Como a forma mais comum dessa conjugação é simplesmente *abaraⁿ*, diversas teorias foram criadas para explicá-la: ela seria resultado da terminação do aoristo sigmático (Kent, 1950: 73), uma formação por analogia a partir de *akunavašaⁿ* (Allegri;

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.7, n.1 - 2022.1. p. 91-117.

DOI: 10.34024/herodoto.2022.v7.14817

Panaino, 1995: 9-11) etc. O termo *bāji-*, “tributo”, é inespecífico nas inscrições reais e associado à ideia de subordinação política (Kleber, 2021: 134). *Yaunā taya[i] drayahyā dārayanti utā tayai paradraya dārayanti*:¹⁹ Rollinger defende que os *Yaunā* das listas persas podem geralmente ser traduzidos como “gregos”. As qualificações específicas (gregos além do mar, gregos do mar etc.) são alvo de grande debate, e às vezes, são interpretadas como parte de um “mapa mental” ao invés de circunscrições geográficas precisas (Rollinger, 2010: 204-206; 2021: 823-824). Já foram propostas, contudo, algumas identificações. Por exemplo, alguns autores pensaram que os *Yaunā takabarā*, que aparecem em outras inscrições, seriam “macedônios” (Zahrnt, 2021: 642), e que os gregos de ultramar, *paradraya*, poderiam ser gregos da Ucrânia ou da Crimeia (Tuplin, 2010: 296-297). *Dahā*: etnônimo de identificação incerta (Schmitt, 2014: 161-162). Argumenta-se que deve ser sinônimo dos citas “além do mar”, e, portanto, corresponder a um povo das estepes, a leste do Mar Cáspio (Jacobs; Gufler, 2021: 684-689). *Sakā haumavargā*: esses são geralmente identificados aos citas “amírgios” de Heródoto (Hdt. 7.64), os mais próximos da Sogdiana. A primeira parte da palavra *haumavargā*, em persa antigo, deve se referir à planta sagrada e inebriante *haoma* (Schmitt, 2012 [2003]). *Sakā tigraxaudā*: esses citas de “chapéu pontudo” provavelmente ficavam entre o rio Amu Dária e o rio Sir Dária (Jacobs; Gufler, 2021: 689). *Skudra*: sua identificação à Trácia é provável, mas não confirmada (Schmitt, 2014: 244; Henkelman; Stolper, 2009). *Ākaufaciyā*: povo e país desconhecidos (“terra das montanhas”; *kaufa-* é uma típica palavra iraniana ocidental, cf. Schmitt, 2014: 128). Os *daas* e *akaufacianos* aparecem somente na lista de Xerxes (Lecoq, 1997: 257).

§4°. *yaθā taya*: *taya* é uma conjunção que introduz a oração subordinada e, aqui, aparece de forma redundante (Schmitt, 2014: 254) junto da conjunção *yaθā*, “quando”, que introduz cláusulas temporais (Schmitt, 2014: 292). *xšāyaθiya abavam*: como Xerxes diz que tudo se passou quando “tornou-se rei”, subentende-se que os fatos devem ter ocorrido no início de seu reinado (ver, contudo, debate sobre a datação na introdução). *asti antar aitā dahyāva*: o uso de *asti* (3ª pes., sing., pres., ind., forma ativa, de *ah-*, “ser/estar”, cf. Schmitt, 2014: 126) como *verbum existentiae* indica que é um país, no singular, que está sendo especificado na lista. A versão acadiana, contudo, fala de países revoltados, no pl. (Lecoq, 1997: 257). Skjærvø entende que *asti* é um presente usado no lugar do imperfeito, i.e., com sentido narrativo passado (2009: 128), mas Schmitt defende que seja um presente expressando mera existência (2000: 94). *tayai upari nipištā*: O

¹⁹ Dos países enumerados na lista, diversos dos quais são bem identificados, focaremos, neste comentário, nos mais enigmáticos. Para os demais, cf. Jacobs, 2011 [2006].

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.7, n.1 - 2022.1. p. 91-117.

DOI: 10.34024/herodoto.2022.v7.14817

pronome relativo *tayai* (*haya-/taya-*; Schmitt, 2014: 192-193) está no nom., pl., masc., e não, como seria esperado, no fem. (dado que *dahyu-*, “país”, é um substantivo feminino, o pronome deveria ser *tayā*; cf. Schmitt, 2014: 193). Isso ocorre em outras inscrições Aquemênidas, como DPe (cf. Schmitt, 2009: 117; 166). *ayauda*: esse verbo, *yad-*, significa “estar em tumulto” (3ª pes., sing./pl., imp.; Schmitt, 2014: 292). *utašim gāθavā nīšādayam*: o verbo *had-* com prefixo *ni-*, “fixar”, junto do locativo de *gāθu-*, “lugar”, tem como objetos países ou a terra inteira; “colocar (algo) em seu lugar (apropriado)” (Schmitt, 2014: 181; 184-185). O pronome enclítico *-šim* está no ac., sing., mas, na versão elamita, o pronome respectivo está no pl. Cameron: “(...) eu abati aquele país e eu os (!) restaurei ao seu lugar” (1959: 474-475); Vallat: “(...) este país, eu o derrotei e eu (re)coloquei seus (habitantes) em seu lugar” (1977: 212).

§5º. *utā antar aitā dahayāva āha*: a maioria dos autores presume continuidade entre essa passagem e a anterior, em razão do emprego da fórmula “entre esses países”, que retomaria a narrativa e trataria do mesmo país “em comoção” acima (Huayna Ávila, 2020: 132-137), mas tal posição não é unânime (e.g., Lecoq, 1997: 258). O imperfeito da 3ª pes. do pl. e sing. do verbo *āha* (*āha^t* e *āhaⁿ*, respectivamente) seria grafado de forma idêntica em persa antigo, então o verbo poderia, aqui, designar mais de um país, ao contrário do que ocorre no parágrafo anterior (assim entende Abdi, 2006/07: 53-55). *yadātaya*: Schmitt, explica que a conj. *taya* deveria estar separada de *yadā* por um divisor de palavras, já que não é uma enclítica (2009: 167). *daivā*: esta palavra (*daiva-*, no nom., pl., masc.; Schmitt, 2014: 163) é considerada o correspondente veteropersa do avéstico *daēuua-*: “deus (malvado)” (Kellens; Pirart, 1990: 253), resultante do Indo-Iraniano **daiuá-* (sânscrito védico: *déva-*, “celestial, numinoso, divino”) (Schmitt, 2014: 163; Huayna Ávila, 2020: 160). Nos *Gāthās*, hinos sagrados da seção mais remota do “Avesta Antigo” (OAv.), esse termo denota simplesmente um grupo de deidades (sem individualização) que, embora integrem o universo religioso dos seguidores do zoroastrismo, já sofrem repreensão. No Avesta Jovem (YAv.), essas divindades são geralmente tratadas como pequenas criaturas malignas, verdadeiros “demônios”, e incluem, entre outros, a figura de Indra (Herrenschmidt; Kellens, 2011 [1993]; para exemplos do YAv., cf. Peixoto, 2017: 22; 41; 111-112). Muitas correntes interpretativas foram postuladas para dar conta desse desenvolvimento: seriam os *daēuua-* antigos deuses iranianos que teriam sido rechaçados por uma reforma monoteísta zoroastriana em algum momento? Uma classe de deuses pan-iranianos associados à casta guerreira e recusados em favor da outra classe divina dos *aúras*, vinculada à casta sacerdotal? Acaso eles seriam deuses estrangeiros recusados pelos povos irânicos? Deuses pan-iranianos associados a ritos e cerimoniais tidos por equivocados? (esta

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.7, n.1 - 2022.1. p. 91-117.

DOI: 10.34024/herodoto.2022.v7.14817

última é a visão de Kellens; Pirart, 1988: 30-31; para um resumo das diversas correntes elencadas, cf. Ahmadi, 2015: 23-90). Ou, talvez, deuses pan-iranianos originalmente ligados a ritos iniciáticos e cultos de mistério, com pretensões escatológicas, gradualmente combatidas pela doutrina zoroastrista (Ahmadi, 2015: 316-333)? Seja como for, parece que os *daivā* da inscrição são vistos de forma inerentemente negativa por Xerxes, o que se coaduna com o que conhecemos pela literatura avéstica. Esse fato, sem surpresa, levou os especialistas a ressaltar o “zoroastrismo” dos reis Aquemênidas (Cameron, 1959: 470; Bianchi, 1977: 5) – visão que deve ser temperada por considerações sobre o caráter tardio do *corpus* escrito avéstico e pela ausência de “citações diretas” entre o Avesta e os textos Aquemênidas (Henkelman, 2008: 10; Kellens, 2021: 1211-1219). A crítica à hipótese de uma repressão dentro dos países nucleares iranianos e à identificação dos *daivā* a deidades específicas, por sua vez, fundamenta-se na ausência de evidência para o culto de Ahura Mazda em *Fars*, e na carência de atestações para a destruição de templos no Elam e outros países (Huayna Ávila, 2020: 153-154). Por fim, embora alguns autores entendam que o termo *daiva-* faça referência a “deus(es) estrangeiro(s)” (Lecoq, 1997: 258; Skjærvø, 2014: 180-181), o que seria realmente esperado caso o texto se referisse à supressão de uma rebelião em Atenas ou na Babilônia (ver introdução), não temos como comprovar essa leitura. **ayadiya**: o verbo *yad-*, “venerar, adorar”, aqui na 3ª pes., pl., imperf., pass., aparece sempre vinculado a Ahura Mazda e, excepcionalmente, aos *daivā* (Schmitt, 2014: 288). **daivadānam**: esta palavra, formada por *daiva-* (cf. acima) e *dāna-*, “prédio, estrutura, reduto”, i.e., o lugar de adoração dos demônios, aparece aqui no ac., sing., masc. (Gnoli, 2011 [1993], Schmitt, 2014: 163). **viyakanam**: esse verbo, *vi-kan-*, algo como “cavar embora”, “demolir”, “destruir” (Schmitt, 2014: 199; 278), é o mesmo usado em DB (§14) para falar da destruição de templos por Gaumata, o mago (Ghirshman, 1976: 11). **utā patiyazbayam**: verbo *zbā-*, na 1ª pes., sing., imp.; “proclamar uma proibição” (Shaked, 2005: 168-169; Schmitt, 2014: 294) “*daivā mā ya[di]yaiša*”: exortações e ordens negativas em persa antigo poderiam ser expressas pelo uso de *mā* com o injuntivo ou, como neste caso, com o optativo (Skjærvø, 2009: 99) (*yadiyaiša* é forma da 3ª pes., pres., opt., forma passiva, do verbo *yad-*) (Schmitt, 2014: 288). A versão elamita acrescenta que o rei “colocou *kiten*” sobre os locais de culto dos demônios. Essa expressão elamita é traduzida por Cameron (1959: 474) e Vallat (1977: 212) como impor “um banimento”. Henkelman, por outro lado, entende ser uma alusão a um conceito ideológico elamita relativo à “justa ordem”, “proteção” (Henkelman, 2008: 367-371). É, de fato, um conceito relacionado à conferência da realeza pelo deus elamita Humban (Álvarez-Mon, 2021: 392). **avadā adam A.uramazdām ayadaiy**: na versão elamita, é

especificado o ritual celebrado em favor de Ahura Mazda, o *šip*, conhecido através dos tabletas de Persépolis (Henkelman, 2021a: 1225). Essa cerimônia sacrificial, relacionada (expressamente) apenas a Ahura Mazda e ao deus Zizkurra (Henkelman, 2021a: 1234), envolvia centenas de participantes, em sítios de grande importância, e era celebrada por altos representantes régios (Razmjou, 2004: 104-105; Henkelman, 2008: 549-550; 2021b: 1260-1261). *yadāya[d]ā*: uma forma corrigida a partir do original <ya-da-a-ya-a> e entendida como advérbio iterado expressando indeterminação: “onde quer que” (Schmitt, 2014: 288-289). *ṛtācā brazmaniya*: a palavra *ṛtācā* é geralmente entendida como a junção de *ṛtā* (conceito correspondente ao védico *asha*, “Ordem Cósmica”, “Verdade” etc.; Schlerath; Skjærvø, 2011 [1987]; Fernandes, 2015: 104) e a preposição *hacā*, no inst., i.e. “de acordo com a ordem cósmica” (Skjærvø, 2014: 181), mas Schmitt a lê como forma do loc. de *ṛtu*- “momento certo” (2014: 241). O segundo termo, *brazmaniya* é interpretado por Schmitt como um adj. significando “com o cerimonial correto” (2014: 154) e por Skjærvø como loc., sing., de *brzman*-, “altura”, significando “na altura” (2014: 181). Não há consenso sobre como traduzir essa fórmula polêmica (Schmitt, 2009: 167). *kṛtam akunavam*: o uso do particípio passado junto de uma forma dos verbos *kar*- (“fazer”) e *bav*- (“tornar”) é uma “construção potencial” em persa antigo, indicando a capacidade de realizar uma ação, ou sua completude (Skjærvø, 2009: 145). Os escribas de XPh decerto utilizaram DNā (§5º) como modelo, dado que essa passagem é muito similar em ambas as inscrições. No entanto, as correspondentes versões elamita e acadiana dos textos são tão diferentes, que foi sugerido que o modelo base das inscrições fosse o persa antigo (Filippone, 2015: 35).

§6º. *kā*: as três versões XPh/OP escrevem “*kā*” (uma partícula generalizante escrita exclusivamente com “tu”; cf. Schmitt, 2014: 198), com um sinal cuneiforme conspícuo, dotado de apenas uma cunha vertical, que Skjærvø interpreta como sinal para um “*ā*” (“a” breve; cf. 2009: 53), mas Schmitt entende ser um erro do escriba (2009: 168). *yadi maniyāhai*: o verbo *man*-, “pensar”, está na 2ª pes., sing., pres., forma média, do subj. (Schmitt, 2014: 209); aqui um subjuntivo eventual. *mṛta ṛtāvā ahani*: é evidente a concepção escatológica de uma vida recompensada após a morte, em especial de uma morte *ṛtāvan*-, “bem-aventurada”, atestada também no zoroastrismo (Schlerath; Skjærvø, 2011 [1987]; Schmitt, 2014: 240). A maioria dos tradutores opta pelo adjetivo “abençoado” (Kent, 1950: 152; Lecoq, 1997: 258; Kuhrt, 2007: 305; Brosius, 2021: 152). *dātā*: o uso da palavra *dāta*-, “lei”, aqui no neutr., sing., inst., exibe irrecusável conotação religiosa – trata-se da lei estabelecida por Ahura Mazda e que traz recompensa a seus seguidores no *post mortem* (Pirngruber, 2021: 1088).

§7°. *aita adam A.uramazdām jادیāmi*: aqui temos um duplo acusativo (o endereçado e o objeto estão no ac.) em função de um verbo bitransitivo, *jadiya-*, “pedir” (Benvenuto; Pompeo, 2019: 84-85). Às vezes a palavra *yāna-*, “favor”, figura nessa fórmula (“esse favor eu peço a Ahura Mazda”, ou “isso eu peço como favor a Ahura Mazda”), mas não é o caso aqui.

Referências Bibliográficas

Fontes / Edições Críticas

CAMERON, George G. The “Daiva” Inscription of Xerxes: in Elamite. *Die Welt des Orients*, 1959, Band 2, H. 5/6, p. 470-476, 1959. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/25682551>>. Acesso: 04/07/2022.

CTÉSIAS DE CNIDO. *La Perse, L’Inde*. Texto estabelecido, comentado e traduzido por LENFANT, Dominique. Paris: Les Belles Lettres, 2004.

HERZFELD, Ernst. Xerxes’ Verbot des Daiva-Cultes. In: Herzfeld, Ernst. (ed.). *Archaeologische Mitteilungen aus Iran*, Band VII. Berlin: Dietrich Reimer, 1937.

HERZFELD, Ernst. *Altpersische Inschriften: Erster Ergänzungsband zu den Archaeologischen Mitteilungen aus Iran*. Berlin: Dietrich Reimer / Andrews & Steiner, 1938.

KELLENS, Jean; PIRART, Eric. *Les Textes Vieil-Avestiques. Volume I: Introduction, Texte et Traduction*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert Verlag, 1988.

KELLENS, Jean; PIRART, Eric. *Les Textes Vieil-Avestiques. Volume II: Répertoire Grammaticaux et Lexique*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert Verlag, 1990.

KELLENS, Jean; PIRART, Eric. *Les Textes Vieil-Avestiques. Volume III: Commentaire*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert Verlag, 1991.

KENT, Roland Grubb. The Daiva-Inscription of Xerxes. *Language*, vol. 13, n. 4, p. 292-305, 1937. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/409334>>. Acesso em: 06/07/2022. Doi: <https://doi.org/10.2307/409334>.

KENT, Roland Grubb. *Old Persian: Grammar, Texts, Lexicon*. New Haven, Connecticut: American Oriental Society, 1950.

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.7, n.1 - 2022.1. p. 91-117.
DOI: 10.34024/herodoto.2022.v7.14817

KUHRT, Amélie. *The Persian Empire: A Corpus of Sources from the Achaemenid Empire*. Londres e Nova Iorque : Routledge, 2007.

LECOQ, Pierre. *Les inscriptions de la Perse achéménide*. Paris: Gallimard, 1997.

SCHMITT, Rüdiger. *The Old Persian Inscriptions of Naqsh-e Rostam and Persepolis. Corpus Inscriptionum Iranicarum. Part I: Inscriptions of Ancient Iran. Vol. I: The Old Persian Inscriptions Texts II*. London: Corpus Inscriptionum Iranicarum, 2000.

SCHMITT, Rüdiger. *Die altpersischen Inschriften der Achämeniden. Editio minor mit deutscher Übersetzung*. Wiesbaden: Reichert Verlag, 2009.

VALLAT, François. *Corpus des Inscriptions Royales en Elamite Achéménide*. Thèse présentée pour l'obtention du Doctorat, 1977. Université Paris 1 Panthéon-Sorbonne. Disponível em: <<https://archive.org/details/CorpusInscriptionsRoyalesElamiteAchemenid>>. Acesso em: 04/07/2022.

Bibliografia Secundária

ABDI, Kamyar. The 'Daivā' Inscription Revisited. *Nāme-ye Irān-e Bāstān* 6/1&2, p. 45-74, 2006/2007.

AHMADI, Amir. *The Daevas Cult in the Gathas: An Ideological Archaeology of Zoroastrianism*. London and New York: Routledge, 2015.

AHN, Gregor. *Religiöse Herrscherlegitimation im Achämenidischen Iran: Die Voraussetzungen und die Struktur ihrer Argumentation*. *Acta Iranica*, 31. Leuven: Centre International d'Études Indo-iraniennes, 1992.

ALLEGRI, Maurizio; PANAINO, Antonio. With a Contribution by GERSHEVITCH, Ilya. On the Š-Ending in Old Persian *akunauš* and similar forms. In memory of Vittore Pisani. FRAGNER, Bert G.; FRAGNER, Christa; HAAG-HIGUCHI, Roxane; GNOLI, Gherardo; MAGGI, Mauro; ORSATTI, Paola (eds.). *Proceedings of the Second European Conference of Iranian Studies held in Bamberg, 30th September to 4th October 1991 by the Societas Iranologica Europaea*. Rome: 1995.

ÁLVAREZ-MON, Javier. Elamite Traditions. In: JACOBS, Bruno. ROLLINGER, Robert. (eds.). *A Companion to the Achaemenid Persian Empire*. 2 Vols. Hoboken, NJ: Wiley Blackwell, 2021. Disponível em:

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.7, n.1 - 2022.1. p. 91-117.
DOI: 10.34024/herodoto.2022.v7.14817

<<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/9781119071860.ch28>>. Acesso em: 28/06/2022. Doi: <https://doi.org/10.1002/9781119071860.ch28>.

ARAUJO, Matheus Treuk Medeiros de. *O Império Aquemênida em Heródoto: Identidade e Política nas Histórias*. São Paulo: Tese de Doutorado, História Social, FFLCH, Universidade de São Paulo, 2018. Disponível em: <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-13032019-104322/pt-br.php>>. Acesso em: 26/06/2022. Doi: <https://doi.org/10.11606/T.8.2019.tde-13032019-104322>

ASHERI, David. *O Estado Persa: ideologias e instituições no Império Aquemênida*. Tradução de Paulo Butti de Lima. São Paulo: Perspectiva, 2006.

BARTHOLOMAE, Christian. *Altiranisches Wörterbuch*. Estrasburgo: Karl J. Trübner 1904.

BASELLO, Gian Pietro; FILIPPONE, Ela; GIOVINAZZO, Grazia; ROSSI, Adriano Valerio. (eds.) *DARIOSH Studies I: The Achaemenid Royal Inscriptions in an Intertextual Perspective*. Ismeo: Associazione Internazionale di Studi sul Mediterraneo e l'Oriente. Napoli: Università degli Studi di Napoli "L'Orientale", 2012.

BENVENUTO, Maria Carmela; POMPEO, Flavia. Some Remarks on the Accusative in Old Persian. *Vicino Oriente*, XXIII, p. 81-93, 2019.

BIANCHI, Ugo. L'inscription "des daivas" et le zoroastrisme des Achéménides. *Revue de l'histoire des religions*, tome 192, n. 1, p. 3-30. 1977. Disponível em: <https://www.persee.fr/doc/rhr_0035-1423_1977_num_192_1_6537>. Acesso em: 06/07/2022. Doi: <https://doi.org/10.3406/rhr.1977.6537>

BINDER, Carsten. From Darius II to Darius III. In: : JACOBS, Bruno; ROLLINGER, Robert. (eds.). *A Companion to the Achaemenid Persian Empire*. 2 Vols. Hoboken, NJ: Wiley Blackwell, 2021. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/9781119071860.ch32>>. Acesso em: 26/06/2022. Doi: <https://doi.org/10.1002/9781119071860.ch32>.

BOYCE, Mary. *A History of Zoroastrianism. Vol. II: Under the Achaemenians*. Leiden / Köln: E. J. Brill, 1982.

BRIANT, Pierre. *Histoire de l'Empire Perse: De Cyrus à Alexandre*. Paris: Fayard, 1996.

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.7, n.1 - 2022.1. p. 91-117.
DOI: 10.34024/herodoto.2022.v7.14817

BRIDGES, Emma. *Imagining Xerxes: Ancient Perspectives on a Persian King*. London, New Delhi, New York, Sydney: Bloomsbury, 2015.

BROSIUS, Maria. *A History of Ancient Persia: The Achaemenid Empire*. Hoboken, NJ: Wiley Blackwell, 2021.

CURTIS, John. RAZMJOU, Sharokh. The Palace. In: CURTIS, John. TALLIS, Nigel. (eds.). *Forgotten Empire: The World of Ancient Persia*. London: The British Museum Press, 2005.

FERNANDES, Edrisi. Verdade e Flechas na Retórica e na Estética dos Antigos Persas. *Revista Estética e Semiótica*, Brasília, vol. 5, n. 2, p. 99-116, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/esteticaesemiotica/article/view/12007>>. Acesso: 04/07/2022. Doi: <https://doi.org/10.18830/issn2238-362X.v5.n2.2015.07>.

FILIPPONE, Ela. I Dimostrativi in Anticopersiano. In: BERNARDINI, M. TORNESELLO, N. L. (eds.). *Scritti in Onore di Giovanni M. D'Erme*. Nápoles: Università degli studi di Napoli "L'Orientale", 2005.

FILIPPONE, Ela. The so-called Old Persian 'Potential Construction'. In: SZÁNTÓ, Iván (ed.). *From Ašl to Zā'id: Essays in Honour of Éva M. Jeremiás*. Piliscsaba: The Avicenna Institute of Middle Eastern Studies, 2015.

GHIRSHMAN, R. Les Daivadâna. *Acta Antiqua Academia Scientiarum Hungaricae*, t. XXIV. Budapest: Akadémiai Kiadó, 1976.

GNOLI, Gherardo. Daivadana. *Encyclopaedia Iranica*, Vol. VI, Fasc. 6, pp. 602-603, 2011 [1993]. Disponível em: <<https://iranicaonline.org/articles/daivadana-lit>>. Acesso em: 05/07/2022.

HACKL, Johannes; PIRGRUBER, Reinhard. Prices and related data from northern Babylonia in the Late Achaemenid and Early Hellenistic periods, c. 480-300 BC. In: SPEK, R. J. van der; LEEUWEN, Bas van; ZANDEN, Jan Luiten van. (eds.). *A History of Market Performance: from Ancient Babylonia to the Modern World*. New York: Routledge, 2015.

HALE, Mark. Old Persian Word Order. *Indo-Iranian Journal*, 31, p. 27-40, 1988. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/24655119>>. Acesso em: 26/06/2022.

HARTMANN, Hans. "Zur neuen Inschrift des Xerxes von Persepolis," *Orientalistische Literaturzeitung*, XL, cols. 145-160, 1937. Disponível em:

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.7, n.1 - 2022.1. p. 91-117.
DOI: 10.34024/herodoto.2022.v7.14817

<<https://www.degruyter.com/document/doi/10.1524/olzg.1937.40.16.73/html>>. Acesso em: 03/07/2022. Doi: <https://doi.org/10.1524/olzg.1937.40.16.73>.

HENKELMAN, Wouter Franklin Merijn; STOLPER, Matthew W. Ethnic Identity and Ethnic Labelling at Persepolis: The Case of the Skudrians. In: BRIANT, Pierre; CHAUVEAU, Michel (orgs.). *Organisation des Pouvoirs et Contacts Culturels dans les Pays de l'Empire Achéménide. Actes du colloque organisé au Collège de France par la «Chaire d'Histoire et Civilisation du Monde Achéménide et de l'Empire d'Alexandre» et le «Réseau International d'Études et de Recherches Achéménides»* (GDR 2539 CNRS), 9-10 novembre, 2007. Paris: Éditions de Boccard, 2009.

HENKELMAN, Wouter Franklin Merijn; REDARD, Céline. *Persian Religion in the Achaemenid Period / La Religion Perse à l'Époque Achéménide*. Wiesbaden: Harrassowitz Verlag, 2017.

HENKELMAN, Wouter Franklin Merijn. The Other Gods Who Are: Studies in Elamite-Iranian Acculturation Based on the Persepolis Fortification Texts. Achaemenid History XIV. Leiden: Nederlands Instituut voor het Nabije Oosten, 2008.

HENKELMAN, Wouter Franklin Merijn. The Heartland Pantheon. In: JACOBS, Bruno; ROLLINGER, Robert. (eds.). *A Companion to the Achaemenid Persian Empire*. 2 Vols. Hoboken, NJ: Wiley Blackwell, 2021a. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/9781119071860.ch85>>. Acesso em: 26/06/2022. Doi: <https://doi.org/10.1002/9781119071860.ch85>.

HENKELMAN, Wouter Franklin Merijn. Practice of Worship in the Achaemenid Heartland. In: JACOBS, Bruno; ROLLINGER, Robert. (eds.). *A Companion to the Achaemenid Persian Empire*. 2 Vols. Hoboken, NJ: Wiley Blackwell, 2021b. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/9781119071860.ch86>>. Acesso em: 26/06/2022. Doi: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/9781119071860.ch86>.

HERZFELD, Ernst. Xerxes' Verbot des Daiva-Cultes. In: Herzfeld, Ernst. (ed.). *Archaeologische Mitteilungen aus Iran*, Band VII. Berlin: Dietrich Reimer, 1937.

HERZFELD, Ernst. *Zoroaster and His World*. Volume I. Princeton: Princeton University Press, 1947.

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.7, n.1 - 2022.1. p. 91-117.
DOI: 10.34024/herodoto.2022.v7.14817

HERRENSCHMIDT, Clarisse; KELLENS, Jean. Daiva. *Encyclopaedia Iranica*, vol. vi, fasc. 6, pp. 599-602, 2011 [1993]. Disponível em: <<https://iranicaonline.org/articles/daiva-old-iranian-noun>>. Acesso em: 03/07/2022.

HINZ, Walther. *Altiranisches Sprachgut der Nebenüberlieferungen*. Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1975. Disponível em: <<https://archive.org/details/AltiranischesSprachgutDerNebenberlieferungen>>. Acesso: 26/06/2022.

HUAYNA ÁVILA, Claudio S. Some Thoughts on Xerxes' "Daiva" Inscription and its Interpretation. *Antiguo Oriente*, vol. 18, 2020, p. 119-186. Disponível em: <<https://repositorio.uca.edu.ar/bitstream/123456789/11722/1/some-thoughts-xerxes-daiva.pdf>>. Acesso em: 03/06/2022.

HUTTER, Manfred. Religions in the Empire. In: JACOBS, Bruno. ROLLINGER, Robert. (eds.). *A Companion to the Achaemenid Persian Empire*. 2 Vols. Hoboken, NJ: Wiley Blackwell, 2021. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/9781119071860.ch88>>. Acesso em: 04/07/2022. Doi: <https://doi.org/10.1002/9781119071860.ch88>.

JACOBS, Bruno; GUFLER, Birgit. The Nomads of the Steppes. In: JACOBS, Bruno. ROLLINGER, Robert. (eds.). *A Companion to the Achaemenid Persian Empire*. 2 Vols. Hoboken, NJ: Wiley Blackwell, 2021. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/9781119071860.ch50>>. Acesso em: 07/07/2022. Doi: <https://doi.org/10.1002/9781119071860.ch50>.

JACOBS, Bruno. Achaemenid Satrapies. *Encyclopaedia Iranica*, 2011 [2006]. Disponível em: <<http://wwwiranicaonline.org/articles/achaemenid-satrapies>> Acesso em: 26/06/2022.

JACOBS, Bruno. Achaemenid Art - Art in the Achaemenid Empire. In: JACOBS, Bruno. ROLLINGER, Robert. (eds.). *A Companion to the Achaemenid Persian Empire*. 2 Vols. Hoboken, NJ: Wiley Blackwell, 2021a. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/9781119071860.ch55>>. Acesso em: 26/06/2022. Doi: <https://doi.org/10.1002/9781119071860.ch55>.

JACOBS, Bruno. Satrapal Administration. In: JACOBS, Bruno; ROLLINGER, Robert. (eds.). *A Companion to the Achaemenid Persian Empire*.

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.7, n.1 - 2022.1. p. 91-117.
DOI: 10.34024/herodoto.2022.v7.14817

2 Vols. Hoboken, NJ: Wiley Blackwell, 2021b. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/9781119071860.ch59>>
Acesso em: 26/06/2022. Doi: <https://doi.org/10.1002/9781119071860.ch59>.

JONG, Albert de. The Religion of the Achaemenid Rulers. In: JACOBS, Bruno; ROLLINGER, Robert. (eds.). *A Companion to the Achaemenid Persian Empire*. 2 Vols. Hoboken, NJ: Wiley Blackwell, 2021. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/9781119071860.ch83>>.
Acesso em: 11/07/2022. Doi: <https://doi.org/10.1002/9781119071860.ch83>.

JURSA, Michael. *Aspects of the Economic History of Babylonia in the First Millennium BC: Economic Geography, Economic Mentalities, Agriculture, the Use of Money and the Problem of Economic Growth. (with contributions by J. Hackl, B. Jankovic, K. Kleber, E. E. Payne, C. Waerzeggers and M. Weszeli)*. *Veröffentlichungen zur Wirtschaftsgeschichte Babyloniens im 1. Jahrtausend v. Chr., Band 4*. Münster: Ugarit-Verlag, 2010.

KELLENS, Jean. L'idéologie religieuse des inscriptions achéménides. *Journal Asiatique*, 290.2, 2002, p. 417-464. Disponível em: <https://poj.peeters-leuven.be/content.php?url=article&id=504298&journal_code=JA>.
Acesso em: 26/06/2022. Doi: <https://doi.org/10.2143/JA.290.2.504298>.

KELLENS, Jean. Les Achéménides entre textes et liturgie avestiques. IN: HENKELMAN, Wouter Franklin Merijn. REDARD, Céline (eds.). *Persian religion in the Achaemenid Period/ La religion perse à l'époque achéménide*. Wiesbaden: Harrossowitz Verlag, 2017.

KELLENS, Jean. The Achaemenids and the Avesta. In: JACOBS, Bruno; ROLLINGER, Robert. (eds.). *A Companion to the Achaemenid Persian Empire*. 2 Vols. Hoboken, NJ: Wiley Blackwell, 2021. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/9781119071860.ch84>>.
Acesso em: 26/06/2022. Doi: <https://doi.org/10.1002/9781119071860.ch84>.

KENT, Roland Grubb. The Daiva-Inscription of Xerxes. *Language*, vol. 13, n. 4, p. 292-305, 1937. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/409334>>. Acesso em: 06/07/2022. Doi: <https://doi.org/10.2307/409334>.

KLEBER, Kristin. Taxation and Fiscal Administration in Babylonia. In: KLEBER, Kristin. (ed.) *Taxation in the Achaemenid Empire*. Wiesbaden: Harrassowitz Verlag, 2021.

KUHRT, Amélie; SHERWIN-WHITE, Susan. Xerxes' Destruction of Babylonian Temples. In: SANCISI-WEERDENBURG, Heleen; KUHRT, Amélie. (eds.). *Achaemenid History II: The Greek Sources*. Leiden: Nederlands Instituut voor het Nabije Oosten, 1987.

LÉVY, Isidore. L'Inscription Triomphale de Xerxès. *Revue Historique*, t. 185, fasc. 1, Mémoires et Études, p. 105-122, 1939. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/40946798>>. Acesso em: 03/07/2022.

LINCOLN, Bruce. *Religion, empire & torture: the case of Achaemenid Persia, with a postscript on Abu Ghraib*. Chicago: The University of Chicago Press, 2007.

MACEDO, José Marcos. O Espelho de Príncipes de Dario (DNb): Tradução do Persa Antigo com Breves Comentários Linguísticos. *Translatio*. Porto Alegre, n. 19, Outubro de 2020. Disponível em: <<https://www.seer.ufrgs.br/translatio/article/view/105576>>. Acesso em: 26/06/2022.

MOUSAVI, Ali. Visual Display and Written Record: Reflections on Some of Xerxes' Inscriptions at Persepolis. In: DUSINBERRE, Elspeth R. M.; GARRISON, Mark B.; HENKELMAN, Wouter F. M. (eds.). *The Art of Empire in Achaemenid Persia: Studies in Honour of Margaret Cool Root*. Leuven: Peeters, 2020.

PEIXOTO, Raul Vitor Rodrigues. *As Interações de uma Tradição Apocalíptica nas Literaturas Zoroastristas e Judaica: Um Estudo Comparado da Temática do Ordálio Universal na Yasna Capítulo 51, Grande Bundahishn, Capítulo 34, e Livro Etiópico de Enoch, Capítulo 67*. Tese de Doutorado apresentada à UnB, Brasília, 2017.

PIRNGRUBER, Reinhard. *The Economy of Late Achaemenid and Seleucid Babylonia*. Cambridge: Cambridge University Press, 2017.

PIRNGRUBER, Reinhard. Jurisdiction. In: In: JACOBS, Bruno; ROLLINGER, Robert. (eds.). *A Companion to the Achaemenid Persian Empire*. 2 Vols. Hoboken, NJ: Wiley Blackwell, 2021. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/9781119071860.ch75>>. Acesso em: 26/06/2022. Doi: <https://doi.org/10.1002/9781119071860.ch75>.

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.7, n.1 - 2022.1. p. 91-117.
DOI: 10.34024/herodoto.2022.v7.14817

RAZMJOU, Shahrokh. The Lan Ceremony and Other Ritual Ceremonies in the Achaemenid Period: The Persepolis Fortification Tablets. *Journal of the British Institute of Persian Studies*, Volume 42, 2004, Issue 1. Disponível em:

<
<https://www.tandfonline.com/doi/citedby/10.1080/05786967.2004.11834649?scroll=top&needAccess=true>>. Acesso em: 06/07/2022. Doi: 10.1080/05786967.2004.11834649.

ROLLINGER, Robert. The Eastern Mediterranean and beyond: the relations between the worlds of the 'Greek' and 'Non-Greek' civilizations. In: KINZL, Konrad H. (ed.). *A Companion to The Classical Greek World*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2010. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/9780470996799.ch11>>. Acesso em: 07/07/2022. Doi: <https://doi.org/10.1002/9780470996799.ch11>.

ROLLINGER, Robert. Royal Strategies of Representation and the Language(s) of Power: Some Considerations on the Audience and the Dissemination of the Achaemenid Royal Inscriptions. In: PROCHAZKA, Stephen; REINFANDT, Lucian; TOST, Sven; WAGENSONNER, Klaus (eds.). *Official Epistolography and the Language(s) of Power: Proceedings of the 1st International Conference of the NFN 'Imperium and Officium': Comparative Studies in Ancient Bureaucracy and Officialdom*. University of Vienna, 10-12 Nov., 2010, *Papyrologica Vindobonensia*, vol. 8. Vienna: Verlag der Österreichischen Akademie der Wissenschaften, 2015, p. 117-130.

ROLLINGER, Robert. Empire, Borders, and Ideology. In: JACOBS, Bruno; ROLLINGER, Robert. (eds.). *A Companion to the Achaemenid Persian Empire*. 2 Vols. Hoboken, NJ: Wiley Blackwell, 2021. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/9781119071860.ch58>>. Acesso em: 07/07/2022. Doi: <https://doi.org/10.1002/9781119071860.ch58>.

ROSSI, Adriano Valerio. Languages and Script. In: JACOBS, Bruno; ROLLINGER, Robert. (eds.). *A Companion to the Achaemenid Persian Empire*. 2 Vols. Hoboken, NJ: Wiley Blackwell, 2021a. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/9781119071860.ch4>>. Acesso em: 26/06/2022. Doi: <https://doi.org/10.1002/9781119071860.ch4>.

ROSSI, Adriano Valerio. The Inscriptions of the Achaemenids. In: JACOBS, Bruno; ROLLINGER, Robert. (eds.). *A Companion to the Achaemenid Persian Empire*. 2 Vols. Hoboken, NJ: Wiley Blackwell, 2021b. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/9781119071860.ch6>> Acesso em: 26/06/2022. doi: <https://doi.org/10.1002/9781119071860.ch6>.

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.7, n.1 - 2022.1. p. 91-117.
DOI: 10.34024/herodoto.2022.v7.14817

SANCISI-WEERDENBURG, Heleen Wilhelmina Agatha Maria. *Yaunā en Persai: Grieken en Perzen in een Ander Perspectief*. Groningen: Drukkerij Dijkstra Niemeyer, 1980.

SCHLERATH, Bernfried; SKJÆRVØ, Prods Oktor. AŠA. ii. Old Persian Aṛta. *Encyclopædia Iranica*, II/7, p. 694-696, 2011 [1987]. Disponível em: <<http://www.iranicaonline.org/articles/asa-means-truth-in-avestan>>. Acesso em: 07/07/2022.

SCHMIDT, Erich F. *The Treasury of Persepolis and Other Discoveries in the Homeland of the Achaemenians*. Chicago, Illinois: The University of Chicago Press, 1939.

SCHMIDT, Erich F. *Persepolis, I: Structures, Reliefs. Inscriptions*. Chicago, Illinois: University of Chicago Press, 1953.

SCHMITT, Rüdiger. *Epigraphisch-exegetische Noten zu Dareios' Bīsutūn Inschriften*. Viena: Verlag der Österreichischen Akademie der Wissenschaften, 1990.

SCHMITT, Rüdiger. Dāta. *Encyclopaedia Iranica*, vol. VII, fasc. 1, p. 114-115, 2011 [1994]. Disponível em: <<http://www.iranicaonline.org/articles/data>>. Acesso em: 26/06/2022.

SCHMITT, Rüdiger. Haumavargā. *Encyclopaedia Iranica*, vol. xii, fasc. 1, p. 63-64, 2012 [2003]. Disponível em: <<https://iranicaonline.org/articles/haumavarga>>. Acesso em: 07/07/2022.

SCHMITT, Rüdiger. *Wörterbuch der altpersischen Königsinschriften*. Wiesbaden: Reichert Verlag, 2014.

SEIDL, Ursula. Ein Monument Darius' I. aus Babylon. *Zeitschrift für Assyriologie*, Bd. 89, S. 101-114, Walter de Gruyter, 1999. Disponível em: <<https://www.degruyter.com/document/doi/10.1515/zava.1999.89.1.101/html>>. Acesso em: 26/06/2022. doi: <https://doi.org/10.1515/zava.1999.89.1.101>.

SHAKED, Shaul. Iranian Words Retrieved from Aramaic. In: WEBER, Dieter (ed.). *Languages of Iran: Past and Present. Iranian Studies in Memoriam David Neil MacKenzie, Iranica 8*. Wiesbaden: Harrassowitz, 2005.

SILVERMAN, Jason Michael. Achaemenid Sources and the Problem of Genre. In: FINK, S.; ROLLINGER, R. (eds.). *Conceptualizing Past, Present and Future. Melammu Symposia*, n. 9. Münster: Ugarit-Verlag, p. 261-278, 2018.

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.7, n.1 - 2022.1. p. 91-117.
DOI: 10.34024/herodoto.2022.v7.14817

Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10138/307686>>. Acesso em: 06/07/2022.

SKJÆRVØ, Prods Oktor. Avestan Quotations in Old Persian? Literary Sources of the Old Persian Inscriptions. *Irano-Judaica*, vol. IV, Jerusalem: Ben Zvi Institute, 1999.

SKJÆRVØ, Prods Oktor. Old Iranian. In: WINDFUHR, Gernot (ed.). *The Iranian Languages*. London and New York: Routledge, 2009.

SKJÆRVØ, Prods Oktor. Achaemenid religion. *Religion Compass*, vol. 8, n. 6, 2014, p. 175-187. Disponível em: <<https://compass.onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/rec3.12110>>. Acesso em: 26/06/2022. Doi: <https://doi.org/10.1111/rec3.12110>.

STRONACH, David. *Pasargadae: a report on the excavations conducted by the British Institute of Persian Studies from 1961 to 1963*. Oxford: Clarendon Press, 1978.

STROOTMAN, Rolf; VERSLUYS, John. (eds.). *Persianism in Antiquity*. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 2017.

СТРУВЕ, В. В. [Struve, V. V.]. *Родина зороастризма*. Советское Востоковедение, V. Moscow: Leningrad, 1948.

TAVERNIER, Jan. Peoples and Languages. In: JACOBS, Bruno; ROLLINGER, Robert. (eds.). *A Companion to the Achaemenid Persian Empire*. 2 Vols. Hoboken, NJ: Wiley Blackwell, 2021. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/9781119071860.ch3>>. Acesso em: 04/07/2022. doi: <https://doi.org/10.1002/9781119071860.ch3>.

TUPLIN, Christopher J. Revisiting Dareios' Scythian Expedition. In: NIELING, Jens; REHM, Ellen (eds.). *The Achaemenid Impact in the Black Sea: Communication of Powers*. Aarhus: Aarhus University Press, 2010. Disponível em: <https://archive.org/stream/AchaemenidImpactInTheBlackSea.CommunicationOfPowers/Achaemenid%20Impact%20in%20the%20Black%20Sea.%20Communication%20of%20Powers_djvu.txt>. Acesso em: 07/07/2022.

WATERS, Matt. *Ancient Persia: A Concise History of the Achaemenid Empire, 550-330 BCE*. New York: Cambridge University Press, 2014.

WIESEHÖFER, Josef. *Ancient Persia: from 550 BC to 650 AD*. Traduzido por Azizeh Azodi. 2ª edição. Londres, Nova Iorque: I. B. Tauris Publishers, 2001 [1996].

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.7, n.1 - 2022.1. p. 91-117.
DOI: 10.34024/herodoto.2022.v7.14817

ZAHRNT, Michael. Macedonia. In: JACOBS, Bruno; ROLLINGER, Robert. (eds.). *A Companion to the Achaemenid Persian Empire*. 2 Vols. Hoboken, NJ: Wiley Blackwell, 2021. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/9781119071860.ch46>>. Acesso em: 07/07/2022. Doi: <https://doi.org/10.1002/9781119071860.ch46>.